



O Manifesto dos Três de Zurique

Karl Marx

Chegou em nossas mãos o *Jahrbuch*¹ de Höchberg², contendo um artigo: “*Retrospectivas do movimento socialista na Alemanha*” que, segundo informação do próprio Höchberg, é precisamente da autoria dos três membros da comissão de Zurique³. Encontramos nesse texto a verdadeira crítica que eles endereçam ao movimento, o que revela, portanto, o programa defendido para o novo órgão⁴ segundo o ponto de vista deles.

Logo desde o princípio diz-se:

O movimento, que Lassale encarava como eminentemente político, para o qual ele apelava não só aos operários mas a todos os democratas honestos, sob a liderança dos representantes independentes da ciência e *todos os homens imbuídos de verdadeiro amor pelos homens [Menschenliebe]*, reduziu-se, sob a presidência de J. B. Von Schweitzer, uma luta voltada unilateralmente para os interesses dos operários industriais.

Eu não abordarei se foi assim ou até que ponto ocorreu dessa forma historicamente. A recriminação específica realizada a Schweitzer é a de que ele *reduziu* o lassalismo – concebido como um movimento democrático-burguês e filantrópico – a uma luta unilateral voltada para os interesses dos operários fabris, ao aprofundar seu caráter de luta de classes do proletariado contra a burguesia⁵. Além disso, ele é

¹ *Jahrbuch für Sozialwissenschaft und Sozialpolitik (Anuário de Ciência Social e Política Social)* foi uma revista publicada em Zurique (1879-1881), com apenas três números.

² Editor de *Jahrbuch*, escrevendo com o pseudônimo de Ludwig Richter.

³ Os três representantes da comissão de Zurique, do Partido Socialdemocrata Alemão, eram Karl Höchberg, Eduard Bernstein e Karl August Schramm.

⁴ Trata-se do próprio periódico *Jahrbuch*.

⁵ Na versão original, ao invés dessas duas frases, tinha, riscado no manuscrito, o seguinte: “Schweitzer era um grande patife, mas uma cabeça talentosa. O seu mérito consistiu em que rompeu com o lassalismo estreito e original, com a sua limitada panaceia da ajuda do Estado... Apesar daquilo dele, por motivos corruptos, também ter culpa e dele também se fiar na ajuda do Estado tal como



recriminado por sua “rejeição da democracia burguesa”. Qual é o objetivo da democracia burguesa no interior do Partido Socialdemocrata? Se ela consiste em “homens honestos”, então nem deveria querer entrar e, como quer fazer isso, então é para disputá-lo.

O partido de Lassale “escolheu agir da maneira mais unilateral como *partido operário*”. Os senhores que escreveram isso são, eles mesmos, membros de um partido que, como partido operário, age da forma mais unilateral, estando agora empossados em altos cargos. Isso expressa uma incompatibilidade absoluta. Se o que eles escrevem é o que realmente pensam, então devem sair do partido ou pelo menos abandonar os altos cargos. Se não fazem isto, devem admitir que pretendem utilizar sua posição e cargos para lutar contra o caráter proletário do partido. O partido, portanto, trai a si mesmo, se os deixarem nos altos cargos.

O Partido Socialdemocrata *não* deve, portanto, na perspectiva destes senhores, ser *nenhum* Partido operário unilateral, mas um Partido onilateral “de todos os homens imbuídos de verdadeiro amor pelos homens”. Deve demonstrá-lo, antes de tudo, desembaraçando-se das grosseiras paixões proletárias e dedicando-se ele próprio “ao cultivo de um bom gosto” e “à aprendizagem do bom tom” (p. 85) sob a direção de burgueses filantrópicos cultos. Então, as “maneiras de maltrapilho” de muitos dirigentes serão substituídas por “maneiras burguesas” muito honradas. (Como se as maneiras exteriormente de maltrapilho dos aqui aludidos não fossem o mínimo que se lhes pode recriminar!) Então também

Lassale, com o objetivo de manter sua dominação. Ele alargou o horizonte econômico do Partido e com isso preparou a sua posterior absorção no Partido unificado alemão. A luta de classes entre proletariado e burguesia, o eixo de todo o socialismo revolucionário, já havia sido pregado por Lassale. Quando Schweitzer acentuou este ponto de um modo ainda mais radical, isso significou um progresso real, por mais que ele também o tenha feito para forjar um pretexto para criar suspeita de pessoas perigosas para sua ditadura. Foi totalmente acertada sua transformação do lassalismo em luta unilateral dos interesses dos operários fabris. Mas isso era unilateral apenas por razão de corrupção política, já que não lhe interessava saber da luta dos operários agrícolas e seus interesses contra a grande propriedade fundiária. Mas não é isso que lhe recriminaram e sim a “redução” que consiste em aprofundar o caráter dessa luta como luta de classes do proletariado contra a burguesia.



“virão numerosos aderentes dos círculos das classes *cultas e possidentes*. Estes, porém, têm, primeiro, que ser ganhos, caso se queira que a agitação conduzida alcance sucessos *tangíveis*”. O socialismo alemão “deu demasiado valor ao ganhar das *massas* e, por isso, esqueceu-se de fazer propaganda *enérgica*” (!) “nas chamadas camadas superiores da sociedade”. Pois, “o Partido ainda tem falta de homens apropriados para o representar no *Reichstag*”. É, porém, “desejável e necessário confiar os mandatos a homens que tenham tido oportunidade e tempo suficientes para se familiarizarem aprofundadamente com as matérias respectivas. O simples operário e pequeno mestre [artesão]... só em poucos casos excepcionais têm para isso o necessário vagar”.

Elejam, portanto, burgueses!

Em suma, a classe operária é incapaz, por si própria, de se libertar. Para isso tem de se pôr sob a direção de burgueses “cultos e possidentes” que, só eles, têm “oportunidade e tempo” para se familiarizarem com o que aproveita aos operários. E, em segundo lugar, guardemo-nos de combater a burguesia, mas tratemos de ganhá-la — através de *enérgica* propaganda.

Se, porém, se quer ganhar as camadas superiores da sociedade ou simplesmente os seus elementos bem intencionados, devemos nos resguardar para não assustá-los. E, então, os três de Zurique creem ter feito uma descoberta tranquilizadora:

“Precisamente agora, sob a pressão da lei dos socialistas⁶, o Partido mostra que *não está inclinado a seguir* o caminho da revolução sangrenta, violenta, mas que está decidido... a tomar o caminho da legalidade, isto é, da *reforma*.”

Portanto, se os 500 000 ou 600 000 eleitores socialdemocratas – 1/10 a 1/8 do eleitorado todo e, além disso, espalhados por todo o país – são suficientemente sensatos para não darem com a cabeça nas paredes e tentarem uma “revolução sangrenta” de um contra dez, isso prova que eles *renunciam* também para todo o futuro a tirar proveito de um poderoso evento externo, de uma efervescência revolucionária súbita por ele suscitada, mesmo de uma *vitória* do povo alcançada numa colisão por ele gerada! Se

⁶ Trata-se da lei de exceção contra os socialistas promulgada na Alemanha em 21 de Outubro de 1878. Em virtude desta lei foram proibidas todas as organizações do Partido Socialdemocrata, as organizações operárias de massas, a imprensa operária, foi confiscada a literatura socialista e perseguidos os socialdemocratas. Por pressão do movimento operário de massas a lei foi abolida a 1 de Outubro de 1890.



Berlim devesse voltar a ser tão inculta para fazer um 18 de Março⁷, os socialdemocratas, em vez de participarem na luta como “maltrapilhos sedentos de barricadas” (p. 88), teriam antes de “tomar o caminho da legalidade”, contemporizar, retirar as barricadas e, se necessário, marchar com o majestoso exército contra as massas unilaterais, grosseiras, incultas. Ou, se os senhores afirmam que não era isto o que queriam dizer, então o que é que queriam dizer? Ainda há melhor.

“Portanto, quanto mais calmo, objetivo, refletido ele” (o Partido) “for na sua crítica das condições existentes e nas suas propostas para a melhoria, tanto menos poderá ser repetido o atual lance conseguido” (com a introdução da lei dos socialistas) “com o qual a reação consciente intimidou a burguesia com o temor do espectro vermelho” (p. 88.).

Para tirar à burguesia o último vestígio de medo, é necessário provar de forma clara e conclusiva que o espectro vermelho realmente é apenas um espectro, é algo que não existe. Qual é, porém, o segredo do espectro vermelho se não o medo da burguesia ante a infalível luta de vida ou de morte entre ela e o proletariado? O medo ante o inevitável desenlace da luta de classes moderna? Anula-se a luta de classes e a burguesia e “todos os homens independentes” irão sem temer andar “de braço dado com os proletários”! E os proletários é quem seria realmente prejudicado.

O Partido deve, portanto, demonstrar, por maneiras humildes e melancólicas, que abandonou de uma vez por todas as “enormidades e excessos” que deram azo à lei dos socialistas. Se ele prometer de livre vontade que se quer mover apenas dentro dos limites da lei dos socialistas, Bismarck e os burgueses certamente terão a bondade de suprimir esta lei, então, supérflua!

“Entenda-se-nos bem”, nós não queremos “um abandono do nosso Partido e do nosso programa. Queremos, porém, dizer que, durante anos, teremos suficientemente que fazer se dirigirmos toda a nossa força, toda a nossa energia, para alcançar certos objetivos que estão próximos, que, em quaisquer circunstâncias, terão de ser alcançados antes que se possa pensar numa realização das aspirações que vão mais longe”.

⁷ Trata-se dos combates de barricadas em Berlim a 18 de Março, que marcaram o início da revolução de 1848-1849 na Alemanha.



Então, os burgueses, pequenos burgueses e operários que “agora estão assustados... pelas aspirações mais profundas” também se juntarão em massa. O programa não deve ser *abandonado*, mas apenas *adiado* – por tempo indeterminado. Uma pessoa aceita-o, mas não é propriamente para si próprio e para o tempo da sua vida, é postumamente, como herança para os filhos e os filhos dos filhos. Entretanto, uma pessoa dedica “toda” a sua “força e energia” para toda a espécie de pequena tralha e de reformas da ordem capitalista da sociedade, para que pareça que, contudo, acontece alguma mudança real e, simultaneamente, a burguesia não fique assustada. Elogio aqui o comunista Miquel, que prova a sua inabalável convicção do inevitável derrube da sociedade capitalista em algumas centenas de anos, enganando a torto e a direito, dando o seu contributo para a crise de 1873 e fazendo com que isto *realmente* apareça algo feito pelo desmoronamento da ordem existente.

Uma outra ofensa contra o bom tom foram também os “ataques exagerados contra os *Gründer*,⁸ que afinal eram “só filhos do tempo”; “teria, portanto, sido melhor abandonar... as invectivas contra Strousberg e gente semelhante”. Infelizmente, são todos homens “apenas filhos do tempo” e se esta é uma razão suficiente de desculpa, não se deve atacar mais ninguém, toda a polémica, toda a luta, da nossa parte, cessa; levamos tranquilamente todos os pontapés dos nossos adversários, porque nós, os sábios, sabemos bem que eles são “apenas filhos do tempo” e não podem agir de maneira diferente daquela que agem. Em vez de lhes retribuir os pontapés com juro, devemos antes lamentar por estes pobres.

De igual modo, a tomada de partido sempre a favor da Comuna, teve a desvantagem “de afastar de nós gente outrora inclinada para nosso lado e de engrossar, em geral, o *ódio da burguesia* contra nós”. E, além disso, o Partido “não está totalmente

⁸ A crise de 1873 acabou, na Alemanha, com o período dos chamados *Grunderjahre* [anos dos *Gründer*]. Os *Gründer* — literalmente: fundadores — eram empresários, organizadores ou promotores de companhias e sociedades que, depois da guerra franco-prussiana de 1870-1871, enriqueceram rapidamente, graças às contribuições extorquidas à França e a uma especulação desenfreada.



isento de culpa na efetivação da lei de Outubro⁹, pois aumentou o *ódio da burguesia* de uma maneira desnecessária”.

Aqui temos o programa dos três censores de Zurique. Em clareza, nada deixa a desejar. Pelo menos, para nós, que ainda conhecemos bem todas estas maneiras de falar todas desde 1848. São os representantes da pequena burguesia que se anunciam, cheios de medo de que o proletariado, compelido pela sua situação revolucionária, possa “ir demasiado longe”. Ao invés de oposição política decidida – mediação geral; ao invés de luta contra o governo e a burguesia – a tentativa de ganhá-los e de persuadi-los; ao invés de resistência obstinada contra os maus tratos de cima – submissão humilde e admissão de que se tinha merecido o castigo. Todos os conflitos historicamente necessários são interpretados de forma deturpada como mal-entendidos e toda a discussão termina com o protesto: afinal, no fundamental, estamos todos unidos. As pessoas que em 1848 apareceram como democratas burgueses, podem agora do mesmo modo chamar-se a si próprias socialdemocratas. Tal como, para elas, a derrocada do capitalismo é algo para um futuro inalcançável e não tem, portanto, absolutamente nenhuma significação para a prática política do presente. É possível mediar, fazer compromissos, praticar a filantropia, o quanto quiser. É o mesmo para a luta de classes entre proletariado e burguesia. É reconhecida no papel, porque já não se pode negá-la. Na prática, porém, é mascarada, apagada, amortecida. O Partido Socialdemocrata não *deve* ser um Partido operário, não deve atrair sobre si o ódio da burguesia ou, em geral, de quem quer que seja; deve, antes de tudo, fazer uma propaganda enérgica entre a burguesia; ao invés de dar peso aos objetivos fundamentais, que assustam a burguesia e que, contudo, são inalcançáveis na nossa geração, ele deve antes empregar toda a sua força e energia naquelas reformas restauradoras pequeno-burguesas que conferem à velha ordem da

⁹ Trata-se da lei de exceção contra os socialistas promulgada na Alemanha em 21 de Outubro de 1878. Em virtude desta lei foram proibidas todas as organizações do Partido Socialdemocrata, as organizações operárias de massas, a imprensa operária, foi confiscada a literatura socialista e perseguidos os sociais-democratas. Por pressão do movimento operário de massas a lei foi abolida a 1 de Outubro de 1890.



sociedade novos apoios e que, por esse fato, poderiam talvez transformar a catástrofe final num processo gradual, parcelar e de dissolução mais pacífica possível. São as mesmas pessoas que, sob a aparência da incansável ocupação, não só não fazem nada elas próprias, como também tentam impedir que, em geral, aconteça algo — a não ser conversa; as mesmas pessoas, cujo medo de qualquer ação, em 1848 e em 1849, obstaculizaram o movimento a cada passo e finalmente o levou à derrota; as mesmas pessoas que nunca veem a reação e, depois, ficam totalmente admiradas de se encontrarem finalmente num beco sem saída, onde nem resistência nem fuga são possíveis; as mesmas pessoas que querem confinar a história ao seu horizonte pequeno-burguês e por cima das quais, de cada vez, a história transita para a ordem do dia.

No que se refere ao seu teor socialista, esteja foi suficientemente criticado no *Manifesto*, no capítulo: “O socialismo alemão ou “verdadeiro”.”^(4*) Onde a luta de classes é empurrada para o lado como desagradável fenômeno “grosseiro”, transformando a base do socialismo em mero “verdadeiro amor pelos homens” ao lado de frases vazias sobre “justiça”.

Este é um fenômeno inevitável, fundado no curso do desenvolvimento histórico, que pessoas das classes até aqui dominantes se juntem ao proletariado que luta e lhe tragam elementos de cultura. Colocamos isso claramente no *Manifesto*. Aqui há, porém, duas coisas a observar:

Primeiro, essas pessoas, para serem úteis ao movimento proletário, têm de trazer consigo elementos de cultura reais. Isto não é, porém, o caso da grande maioria dos convertidos burgueses alemães. Nem o *Zukunft* nem a *Neue Gesellschaft*¹⁰ trouxeram o que quer que fosse que fizesse o movimento avançar um passo. Há lá uma falta absoluta de material de cultura real, efetivo ou teórico. Ao invés

¹⁰ *Die Zukunft (O Futuro)*: revista de orientação reformista, publicada de Outubro de 1877 a Novembro de 1878 em Berlim. Era editada por K. Höchberg. Marx e Engels criticavam acerbamente a revista pelas suas tentativas de conduzir o partido para uma via reformista. *Die Neue Gesellschaft (A Nova Sociedade)*: revista de tendência reformista, publicada em Zurique em 1877-1880.



disso, realizam tentativas para pôr o pensamento socialista superficialmente apropriado em consonância com os pontos de vista teóricos mais diversos que os senhores trouxeram consigo da Universidade ou de qualquer outro lugar e sendo que um é ainda mais confuso do que o outro, graças ao processo de putrefação em que se encontram os restos da filosofia alemã nos dias de hoje. Ao invés de, para começar, estudarem eles próprios fundamentadamente a nova ciência, cada um prefere aproximá-la dos pontos de vista que trouxeram consigo, fazer dela uma ciência privada própria sem nenhuma hesitação e aparece mesmo com a pretensão de a querer ensinar. Por isso, entre estes senhores existem tantos pontos de vista quanto número de cabeças; ao invés de trazerem clareza seja lá ao que for, apenas estabeleceram uma grave confusão – felizmente, quase só conhecida entre eles próprios. O partido pode muito bem passar sem semelhantes elementos de cultura, cujo primeiro princípio é ensinar o que ainda não aprenderam.

Em segundo lugar. Se pessoas de outras classes se juntam ao movimento proletário, a primeira exigência é a de que elas não tragam consigo nenhum tipo de preconceito burguês, pequeno-burguês, etc., e sim que se apropriem com franqueza da perspectiva proletária. Aqueles senhores, porém, como ficou provado, estão completamente dominados por representações burguesas e pequeno-burguesas. Num país tão pequeno-burguês como a Alemanha, estas representações têm seguramente a sua justificação. Mas apenas *fora* do Partido Operário Socialdemocrata. Se eles constituírem um Partido pequeno-burguês socialdemocrata, estão no seu pleno direito; seria possível até negociar com eles, ou mesmo, segundo as circunstâncias, formar alianças, etc. Mas, num partido operário, eles são elementos deformadores. Se existem razões momentâneas para tolerá-los, subsiste a obrigação de *apenas* os tolerar, de não lhes permitir nenhuma influência sobre a direção do partido e de permanecermos conscientes de que a ruptura com eles é só uma questão de tempo. Aliás, esse tempo já chegou. Parece-nos inconcebível como o partido possa tolerar no seu seio durante mais tempo os autores deste artigo. Se, porém, a direção do partido vier mesmo a cair mais



ou menos nas mãos de semelhantes pessoas, o partido fica simplesmente castrado e pôs-se a fim ao caráter proletário.

No que nos diz respeito, com todo o nosso passado, só nos resta um caminho a seguir. Há quase 40 anos colocamos em primeiro plano a luta de classes como o motor da história e, especialmente, a luta de classes entre burguesia e proletariado, como a grande alavanca da revolução social moderna. É-nos impossível, portanto, caminharmos juntos com pessoas que querem suprimir esta luta de classes do movimento. Quando fundamos a Internacional e formulamos em termos claros seu grito de guerra: “*a libertação da classe operária será obra da própria classe operária*”. Não podemos evidentemente caminhar com pessoas que declaram aos quatro cantos que os operários são muito pouco instruídos para poder emancipar a si mesmos, e que só a partir de cima eles podem ser libertados, pelas cúpulas, pelos filantropos burgueses e pequeno-burgueses. Se o novo órgão do partido toma uma atitude que corresponda às ideias destes senhores, se essa orientação é burguesa e não proletária, não nos restará mais nada a fazer, por mais lamentável que seja, do que declarar abertamente nossa oposição e romper a solidariedade da qual demos prova até agora, na qualidade de representantes do partido alemão no exterior”. Esperemos, contudo, que não se chegue *até ai*. [...]